

Saúde

ESTOQUE ZERADO

Vacina de cólera tem crise de doses

Velocidade de produção global é insuficiente para prevenir atuais surtos

BERNARDO YONESHIGUE
bernardo.yonesigue@globo.com.br

Desde dia 1º deste mês, as regras na Alemanha mudaram: cidadãos podem cultivar a planta Cannabis e andar com até 25 g de maconha sem desrespeitar a lei. A partir de julho, "clubes" poderão comercializar a droga, que passou a ser legal no país. O cenário pode causar estranheza no Brasil, onde até o cultivo da planta para fins medicinais é proibido, mas segue um movimento que ganhou força pelo mundo nas últimas décadas.

Levantamento feito pelo GLOBO, com base nos anúncios de governos e informações do Centro Europeu de Monitoramento de Drogas e Dependência de Drogas, mostra que, com a medida alemã, passa a ser cinco o número de países que tornaram a maconha legal. Após a liberação pioneira em 2013 pelo Uruguai, Canadá, em 2018, Malta, em 2021, e Luxemburgo, em 2023, também adotaram regras semelhantes.

Considerando formas distintas de descriminalização e de legalização, desde os anos 1980 ao menos 25 países flexibilizaram a visão sobre a cannabis. A maioria, 17, alteraram as regras a partir de 2010. No Brasil, o Supremo Tribunal Federal (STF) julgou um recurso, que no momento tem cinco votos favoráveis e três contrários, que pode descriminalizar o porte da maconha para consumo, ainda que a venda e o cultivo, por exemplo, permaneçam ilegais.

— A descriminalização trata apenas do aspecto da punição. O Estado deixa de punir quem faz o uso que, até então, era considerado crime. Já a legalização aborda não apenas a pena, mas de que forma será produzido, comercializado, quem terá acesso, se terá algum imposto, como os órgãos competentes irão atuar e outros aspectos para organizar o mercado até então restrito ao tráfico — esclarece Henderson Furt, presidente da Comissão de Bioética da Ordem dos Advogados do Brasil em São Paulo.

Porém, em meio ao avanço das medidas que tornam o acesso mais brande à maconha, também crescem as evidências que apontam os riscos do uso contínuo e em grandes quantidades, especialmente para o sistema cardiovascular, pulmonar e

MARCA DA MACONHA

Legalização da cannabis avança no mundo, jogando luz sobre riscos da droga



Liberdade. Loja de maconha em Toronto, onde a planta é legal desde 2018. Outros países que legalizaram são Uruguai, Malta e Luxemburgo

neuroológico. Especialistas defendem que, seja a droga liberada ou não, é importante abordar esses efeitos para reduzir o consumo, sobretudo entre os jovens.

— Uma liberação pode ter o efeito benéfico de quebrar a espinha dorsal do tráfico, que causa tanta violência, e abrir uma discussão de saúde pública que, a meu ver, vai ser mais à vontade até para nós, médicos. Mas do ponto de vista clínico, a maconha é uma preocupação, legalizada ou não. Atendo muitos pacientes que são usuários e surgem com problemas respiratórios — descreve Margareth Dalcolmo, pesquisadora da Fiocruz e presidente da Sociedade Brasileira de Pneumologia e Tisiologia (SBPT).

Assim como ocorreu no final do século passado com o

tabagismo, a observação de pacientes que acumulam anos de exposição à maconha tem começado a revelar riscos até então pouco conhecidos. Um deles é o impacto cardiovascular, explica Humberto Graner, membro do Conselho de Diretores da Sociedade Brasileira de Cardiologia (SBC).

RISCOS CARDÍACOS

Em fevereiro, um dos maiores trabalhos sobre o tema, conduzido por pesquisadores da Universidade da Califórnia em São Francisco, nos Estados Unidos, analisou informações de 434,1 mil americanos e descobriu que 4% da população relatava usar a droga todo dia.

Ao compará-los com os que não faziam uso da maconha, observaram um risco 25% maior de sofrer

um ataque cardíaco e 42% maior de ter um derrame — efeitos comparáveis aos do cigarro convencional.

— Descriminalizar não quer dizer que é algo isento de riscos, o cigarro e a bebida alcoólica causam muitos danos e são drogas legalizadas. Sobre a maconha, estamos entendendo um pouco mais dos efeitos, sobretudo no sistema cardiovascular. Ela pode causar aumento da frequência cardíaca em repouso, elevações na pressão arterial, alterações no fluxo sanguíneo, o que aumenta esses riscos cardíacos. São evidências que destacam que esse impacto deletério é dose-dependente: quem fuma todo dia vai pagar um preço maior — diz Graner.

João Brainer, professor da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e vice-

diretor do diretório científico de Neurologia Vascular da Academia Brasileira de Neurologia (ABN), afirma que há também um risco elevado para acidentes vasculares cerebrais (AVCs).

— A cannabis perturba o sistema endotelial, é como se fizesse pequenas abrações nos vasos sanguíneos, sobretudo intracranianos, que elevam o risco de AVC. Além de poder desencadear quadros de arritmias.

Além do coração, Dalcolmo lembra que, embora seja considerada por vezes menos danosa aos pulmões do que o tabaco, a maconha fumada também causa danos ao órgão, elevando o risco de doenças crônicas que afetam a qualidade de vida.

— Você carbura o papel, que já é muito tóxico, o alcatrão e todas as outras substâncias que, igual ao cigarro convencional, são inaladas a 600 °C de temperatura. Do ponto de vista da arquitetura pulmonar, o dano é igual. A única coisa que, pelo que sabemos até agora, a maconha não causa câncer de pulmão. Mas as doenças pulmonares obstrutivas crônicas, enfisema e bronquite, são provocadas da mesma maneira — diz.

IMPACTO NO CÉREBRO

Um dos impactos que mais preocupa os especialistas, porém, é aquele que é de maior risco entre os jovens, o neurológico. Segundo o último Relatório Mundial sobre Drogas, do Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime, cerca de 5,3% dos jovens entre 15 e 16 anos no mundo eram usuários em 2021.

O percentual é superior ao observado na população geral, de 4,27%, que engloba 219 milhões de pessoas consumindo a droga — número 21% acima do registrado uma década antes, em 2011.

No texto, o órgão aponta que "o cérebro do adolescente ainda está se desenvolvendo" e que "o início precoce do uso de drogas pode levar a desenvolver mais rápido a dependência".

— Sabemos que o uso da maconha é de maior risco quando ele é muito precoce, abaixo dos 18 anos. Para adolescentes, crianças, há evidências mostrando que pode elevar o risco de desenvolver uma psicose, de quadros de esquizofrenia — diz o psiquiatra Dartiu Xavier da Silveira, professor da Unifesp que trabalha com dependentes químicos.

No ano passado, pesquisadores do Instituto Nacional de Abuso de Drogas dos EUA analisaram dados de mais de seis milhões de diagnósticos por cinco décadas e apontaram que até 30% dos casos de esquizofrenia entre homens de 21 a 30 anos em 2021 podiam ser atribuídos ao transtorno por uso de cannabis.

Para Xavier da Silveira, porém, um temor da maior liberação, que era o uso crescer entre jovens, não se concretizou. Dados recentes dos EUA, onde desde 2023 mais da metade da população vive num estado onde a droga é legalizada, mostram que o percentual de alunos do último ano do ensino médio que relataram ter usado maconha no ano anterior permaneceu estável.

A MACONHA NO MUNDO

A linha do tempo da flexibilização da droga

DESCRIMINALIZOU

A descriminalização envolve o aspecto da punição. O uso deixa de ser considerado um crime, mas a venda, por exemplo, segue proibida



LEGALIZOU

Por outro lado, a legalização é mais abrangente e regulamentada como a droga passa a ser produzida e vendida. Determina a incidência de tributos e define quem pode comprá-la



Fonte: Centro de Pesquisas Pire; Centro Europeu de Monitoramento de Drogas e Dependência de Drogas e análises de dados e estatísticas

continua na p. 22